

MOHSIN HAMID

Passagem para o Ocidente

Um romance

Tradução
José Geraldo Couto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Mohsin Hamid
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Exit West

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Valquíria Della Pozza
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hamid, Mohsin

Passagem para o Ocidente : um romance / Mohsin Hamid ; tradução José Geraldo Couto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Exit West.
ISBN 978-85-359-3088-7

1. Ficção paquistanesa (Inglês) I. Título.

18-13130

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura paquistanesa em inglês 823

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Naved e Nasim

Um

Numa cidade abarrotada de refugiados, mas ainda predominantemente em paz, ou pelo menos ainda não em guerra aberta, um garoto conheceu uma garota numa sala de aula e não lhe dirigiu a palavra. Por muitos dias. O nome dele era Saeed e o dela era Nadia, e ele usava barba, não uma barba cheia, e sim uma barbinha rala aparada cuidadosamente, e ela estava sempre coberta dos dedos dos pés à base da jugular por um manto negro ondulante. Naquela época as pessoas ainda se davam ao luxo de vestir mais ou menos o que quisessem, no que diz respeito a roupas e cabelos, dentro de certos limites, claro, de modo que suas escolhas significavam algo.

Pode parecer estranho que em cidades cambaleando à beira do abismo jovens ainda compareçam às aulas — nesse caso, a uma aula noturna sobre identidade empresarial e marcas de produtos —, mas é assim que as coisas são, seja quanto às cidades, seja quanto à vida, pois por um momento estamos entretidos com nossos afazeres habituais e no momento seguinte estamos morrendo, e nosso fim para sempre iminente não interrompe nossos

começos e meios transitórios até o instante em que o fim chega de fato.

Saeed notou que Nadia tinha um sinal de nascença no pescoço, ovalado e amarronzado, que às vezes, poucas vezes mas não nunca, se mexia com a pulsação dela.

Não muito tempo depois de notar isso, Saeed falou com Nadia pela primeira vez. A cidade deles ainda não havia sofrido nenhum grande conflito, apenas alguns tiroteios e a estranha explosão do carro, sentida na cavidade torácica das pessoas como uma vibração subsônica semelhante às emitidas por enormes alto-falantes em concertos de música, e Saeed e Nadia tinham recolhido seus livros e estavam saindo da classe.

Na escada ele se virou para ela e disse: “Olha só, você gostaria de tomar um café”, e depois de uma breve pausa acrescentou, para soar menos atrevido, tendo em vista os trajes conservadores dela, “na lanchonete?”.

Nadia olhou-o nos olhos. “Você não faz as suas orações noturnas?”, perguntou.

Saeed lançou mão de seu sorriso mais afetuoso. “Nem sempre. Infelizmente.”

A expressão dela não mudou.

Então ele persistiu, aferrando-se ao seu sorriso com o crescente desespero de um desafortunado alpinista: “Penso que é uma coisa pessoal. Cada um... ou cada uma... de nós tem seu próprio jeito. Ninguém é perfeito. E, em todo caso...”.

Ela o interrompeu. “Eu não rezo”, disse.

Continuou a encará-lo fixamente.

Depois disse: “Talvez outro dia”.

Sob o olhar dele, ela caminhou para a área de estacionamento dos estudantes e ali, em vez de cobrir a cabeça com um lenço

preto, como ele esperava, colocou um capacete preto de motoqueiro que estivera preso a uma surrada moto *trail* de cem cilindradas, baixou o visor e deu a partida, desaparecendo com um ronco moderado no lusco-fusco.

No dia seguinte, no trabalho, Saeed não conseguia parar de pensar em Nadia. O empregador de Saeed era uma agência especializada na colocação de propaganda de rua. Eles possuíam outdoors por toda a cidade, alugavam outros e negociavam espaços adicionais com empresas de ônibus, estádios de futebol e proprietários de edifícios altos.

A agência ocupava ambos os andares de um casarão reformado e tinha mais de uma dúzia de empregados. Saeed era um dos mais novatos, mas seu chefe gostava dele e o incumbira de elaborar uma proposta de campanha para uma empresa local de sabão que precisava ser enviada por e-mail antes das cinco. Normalmente Saeed tentava fazer um exaustivo trabalho de pesquisa on-line e customizar suas apresentações tanto quanto possível. “Não é uma história se não tiver uma plateia”, seu chefe gostava de dizer, e para Saeed isso significava tentar mostrar ao cliente que a agência entendia realmente do negócio dele, que podia se colocar na sua pele e enxergar as coisas do seu ponto de vista.

Mas hoje, embora a campanha fosse importante — toda campanha era importante: a economia estava desaquecida, por conta da inquietação crescente, e uma das primeiras despesas que os clientes pareciam querer cortar era a propaganda de rua —, Saeed não conseguia se concentrar. Uma árvore grande, crescida desordenadamente e sem poda, erguia-se no terreno dos fundos do casarão da empresa, bloqueando a luz do sul de tal maneira que o que tinha sido um gramado agora era terra com uns poucos tufos de grama, entremeados por uma porção matinal

de bitucas de cigarro, pois o chefe proibira as pessoas de fumar dentro da agência, e no alto dessa árvore Saeed avistara um falcão construindo seu ninho. O pássaro trabalhava sem descanso. Às vezes pairava à altura dos olhos, quase imóvel ao vento, e então, com um minúsculo movimento de uma asa, ou mesmo das penas voltadas para cima na ponta de uma asa, dava uma guinada.

Saeed pensava em Nadia e observava o falcão.

Quando finalmente seu tempo estava acabando, ele fez um esforço para preparar a proposta de campanha, copiando e colando de outras que tinha feito antes. Só uma parte mínima das imagens que selecionou tinha alguma coisa a ver com sabão. Levou um esboço ao chefe e teve que reprimir um tremor ao estender o braço para entregá-lo.

Mas o chefe parecia preocupado com outra coisa e nem notou. Limitou-se a rabiscar algumas pequenas correções na cópia impressa, devolveu-a a Saeed com um sorriso tristonho e disse: “Mande logo”.

Alguma coisa em sua expressão fez Saeed sentir pena dele. Lamentou não ter feito um trabalho melhor.

No momento em que o e-mail de Saeed estava sendo baixado de um servidor e lido por seu cliente, na distante Austrália uma mulher de pele pálida dormia sozinha no bairro de Surry Hills, em Sydney. Seu marido estava em Perth, a trabalho. A mulher usava uma camiseta longa, uma das dele, e uma aliança de casamento. Seu torso e sua perna esquerda estavam cobertos por um lençol ainda mais branco que a sua pele; a perna direita e o quadril do mesmo lado estavam expostos. No tornozelo direito, empoleirada sobre a cavidade do tendão de aquiles, ficava a tatuagem azul de um pequeno pássaro mitológico.

A casa tinha alarme, mas estava desativado. Tinha sido ins-

talado pelos antigos moradores, por outros que um dia tinham chamado aquele lugar de lar, antes que o fenômeno que chamam de gentrificação do bairro tivesse chegado ao ponto atual. A mulher adormecida usava o alarme apenas esporadicamente, em geral quando o marido estava ausente, mas naquela noite ela havia esquecido. A janela de seu quarto, quatro metros acima do chão, estava aberta, só uma fresta.

Na gaveta do criado-mudo havia uma cartela pela metade de pílulas anticoncepcionais, consumidas pela última vez três meses antes, quando ela e o marido ainda tentavam evitar a gravidez, passaportes, talões de cheques, recibos, moedas, chaves, um par de algemas e alguns papéis de embrulho de gomas de mascar ainda não mascadas.

A porta para o closet estava aberta. O quarto estava banhado pela luminosidade da fonte do computador e do roteador da internet sem fio, mas a abertura para o closet estava escura, mais escura que a noite, um retângulo de completa escuridão — o coração das trevas. E daquelas trevas um homem emergia.

Ele também era escuro, de pele escura e cabelo crespo escuro. Passava pela porta com grande esforço, com as mãos agarrando os batentes como se avançasse contra a força da gravidade, ou contra o ímpeto de uma onda monstruosa. Logo depois da cabeça surgiu o pescoço, com os tendões tensos, e em seguida o peito, na camisa marrom e cinza suada e meio desabotoada. De repente ele fez uma pausa em seu forcejo. Olhou em volta do quarto. Olhou para a mulher adormecida, para a porta fechada do quarto, para a janela aberta. Recuperou o ânimo, lutando com todas as forças para entrar, mas em desesperado silêncio, o silêncio de um homem debatendo-se no chão de um beco, tarde da noite, para se libertar de mãos que pressionam sua garganta. Mas não havia mão alguma em torno da garganta daquele homem. Ele só não queria ser ouvido.

Com um impulso final ele estava dentro do quarto, tremendo e deslizando para o chão como um potro recém-nascido. Estendeu-se imóvel, exausto. Tentou não arfar. Levantou.

Seus olhos giravam terrivelmente. Sim: terrivelmente. Ou talvez nem tão terrivelmente assim. Talvez eles só estivessem olhando em volta, para a mulher, para a cama, para o quarto. Tendo sido criado nas circunstâncias não raro perigosas nas quais ele crescera, estava ciente da fragilidade de seu próprio corpo. Sabia quão pouco bastava para transformar um homem numa massa de carne: o golpe errado, o tiro errado, o movimento errado de uma lâmina, a guinada de um carro, a presença de um micro-organismo num aperto de mão, uma tosse. Estava ciente de que, sozinha, uma pessoa não é quase nada.

A mulher que dormia dormia sozinha. Ele, em pé diante dela, também estava sozinho. A porta do quarto estava fechada. A janela estava aberta. Escolheu a janela. Atravessou-a num instante, pousando suavemente na rua abaixo.

Enquanto esse incidente ocorria na Austrália, Saeed apanhava pão fresco para o jantar e se dirigia para casa. Era um homem adulto, de espírito independente, solteiro, com um emprego decente e uma boa formação, e como acontecia naqueles dias, naquela cidade, com a maioria dos homens adultos, de espírito independente, solteiros, com empregos decentes e boa formação, morava com os pais.

A mãe de Saeed tinha o ar dominador de uma professora de colégio, o que ela de fato havia sido, e seu pai, o jeito perdido de um professor universitário, o que continuava sendo — embora com salário reduzido, pois ultrapassara a idade para a aposentadoria oficial e fora forçado a buscar ocupação como professor-visitante. Os pais de Saeed, muito tempo atrás, tinham escolhido

profissões respeitáveis num país que acabaria sendo muito ruim para seus profissionais respeitáveis. Segurança e status só seriam encontrados em outras ocupações bem diferentes. Saeed tinha nascido tardiamente para eles, tão tardiamente que sua mãe julgara que o médico estava provocando-a ao perguntar se ela achava que estava grávida.

O pequeno apartamento deles ficava num prédio outrora bonito, com uma fachada ornamentada, agora caindo aos pedaços, que datava da era colonial, numa parte da cidade que havia sido nobre, hoje apinhada de gente e de comércio. Tinha sido desmembrado de um apartamento muito maior e compreendia três cômodos: dois modestos quartos de dormir e um terceiro cômodo que eles usavam como sala de estar, de jantar, de entretenimento e de televisão. Esse terceiro cômodo também era de tamanho modesto, mas tinha janelas altas e uma sacada utilizável, ainda que estreita, com vista para um beco e, bulevar acima, para uma fonte seca que em outros tempos jorrava e cintilava à luz do sol. Era o tipo de vista que poderia justificar uma ligeira elevação de preço em tempos mais brandos e prósperos, mas muito indesejável em tempos de conflito, quando ficava bem no meio do fogo pesado de metralhadoras e mísseis à medida que os combatentes avançavam para aquela parte da cidade: uma vista que era como olhar para dentro do cano de um fuzil. Localização, localização, localização, dizem os corretores de imóveis. Geografia é destino, respondem os historiadores.

A guerra logo iria corroer a fachada do prédio deles como se tivesse acelerado o próprio tempo, o desgaste de um dia ultrapassando o de uma década.

Quando os pais de Saeed se conheceram, tinham a mesma idade que Saeed e Nadia quando se conheceram. O casal mais

velho teve um casamento por amor, um casamento entre estranhos não arranjado pelas famílias, o que, em seu círculo, se não era sem precedentes, ainda era pouco comum.

Conheceram-se no cinema, durante o intervalo de um filme sobre uma princesa matreira. A mãe de Saeed espiou o pai dele fumando um cigarro e espantou-se com a semelhança entre ele e o galã do filme. Essa semelhança não era inteiramente acidental: embora um pouco tímido e bastante estudioso, o pai de Saeed espelhava-se no estilo dos astros populares do cinema e da música de seu tempo, como a maioria de seus amigos. Mas a miopia do pai de Saeed, combinada com sua personalidade, conferia-lhe uma expressão genuinamente sonhadora, e por conta disso, de maneira compreensível, a mãe de Saeed passou a acreditar que ele não apenas se parecia com o personagem como também o encarnava. Ela decidiu fazer sua abordagem.

Em pé, diante do pai de Saeed, ela começou a conversar entusiasmada com uma amiga, simulando ignorar o objeto do seu desejo. Ele a notou. Ouviu o que ela dizia. Juntou coragem para lhe dirigir a palavra. E assim foi, como ambos gostavam de dizer ao recontá-la nos anos subsequentes, a história de seu primeiro encontro.

Tanto a mãe como o pai de Saeed eram bons leitores e, cada um à sua maneira, debatedores, e nos primeiros dias do namoro eram vistos com frequência se encontrando furtivamente em livrarias. Mais tarde, depois do casamento, quando estavam fora, costumavam ler juntos à tarde em cafés e restaurantes, ou, se o clima permitisse, em sua sacada. Ele fumava e ela dizia não fumar, mas muitas vezes, quando as cinzas do cigarro aparentemente esquecido por ele se estendiam de modo impossível, ela o tomava dos dedos dele, tirava suavemente o excesso num cinzeiro e dava uma tragada longa e um tanto lasciva antes de devolvê-lo com um gesto elegante.

O cinema em que os pais de Saeed se conheceram desaparecera havia muito tempo na época em que o filho deles conheceu Nadia, assim como suas livrarias favoritas e seus amados restaurantes e cafés. Não que os cinemas, livrarias, restaurantes e cafés tivessem desaparecido da cidade, mas é que muitos dos que existiam antes tinham deixado de existir. O cinema que eles recordavam com tanto carinho tinha sido substituído por uma galeria de lojas de computadores e periféricos eletrônicos. O prédio adotara o mesmo nome do cinema que o precedera: ambos tiveram no passado o mesmo proprietário, e o cinema tinha sido tão famoso que se tornara sinônimo do local. Ao andar pela galeria e ver o velho nome no novo letreiro em néon, às vezes o pai de Saeed, às vezes a mãe de Saeed, rememoravam e sorriam. Ou rememoravam e faziam uma pausa.

Os pais de Saeed não fizeram sexo até a noite de núpcias. Dos dois, foi a mãe de Saeed quem se sentiu mais desconfortável, mas foi também quem mais gostou, e por isso insistiu para que repetissem o ato duas vezes antes do amanhecer. Durante muitos anos, o equilíbrio dos dois permaneceu assim. Falando em termos gerais, ela era voraz na cama. Falando em termos gerais, ele era amável. Talvez por não ter engravidado até a concepção de Saeed, duas décadas depois, e por isso ter concluído que não podia ter filhos, ela era capaz de transar com desembaraço, isto é, sem pensar nas consequências nem nos transtornos de ter uma criança para criar. Enquanto isso, a atitude típica dele, ao longo da primeira metade da vida conjugal do casal, diante dos ardentes ímpetos dela, era a de um homem agradavelmente surpreso. Ela considerava eróticos os bigodes e ser pega por trás. Ele a achava sensual e provocante.

Depois que Saeed nasceu, a frequência com que seus pais

faziam sexo caiu consideravelmente, e continuou em declínio com o passar do tempo. Um útero começou a sofrer prolapso, e para ele era cada vez mais difícil manter uma ereção. Durante essa fase, o pai de Saeed passou a ser escalado, ou a escalar a si próprio, cada vez com mais frequência, como aquele que tentava dar início ao sexo. A mãe de Saeed às vezes se perguntava se ele fazia isso por um desejo genuíno ou simplesmente por carência de intimidade. Ela tentava ao máximo corresponder. Ele acabava sendo rejeitado por seu próprio corpo tanto ou mais do que pelo dela.

No último ano da vida que compartilhavam, o ano que já estava bem avançado quando Saeed conheceu Nadia, eles fizeram sexo apenas três vezes. Num ano, o mesmo número de vezes da noite de núpcias. Mas o pai dele manteve sempre um bigode, por insistência da mulher. E eles nunca trocaram de cama: as barras da cabeceira, como balaústres de um parapeito, quase pediam para ser agarradas.

Naquilo que a família de Saeed chamava de sala de estar havia um telescópio, preto e lustroso. Tinha sido dado ao pai de Saeed pelo pai deste, e o pai de Saeed, por sua vez, presenteara-o a Saeed, mas como Saeed ainda morava na casa, isso significava que o telescópio seguia instalado onde sempre estivera, em seu tripé num canto, embaixo de um intrincado barco a vela que velejava dentro de uma garrafa de vidro no mar de uma estante triangular.

O céu sobre a cidade deles ficara poluído demais para a atividade de observar estrelas. Mas em noites sem nuvens depois de um dia de chuva, o pai de Saeed às vezes levava para fora o telescópio, e a família bebericava chá verde no terraço, desfrutando uma brisa, e revezava-se para espiar no céu objetos cuja luz,

muitas vezes, tinha sido emitida antes que qualquer um dos três observadores nem sequer tivesse nascido — luz de outros séculos, só agora chegando à Terra. O pai de Saeed chamava a isso de viagem no tempo.

Numa noite específica, porém, na verdade na noite depois de ele ter tido dificuldade para preparar a proposta de campanha para a empresa de sabão, Saeed esquadrihava distraidamente uma trajetória abaixo da linha do horizonte. Em seu visor estavam janelas e muros e telhados, às vezes imóveis, às vezes movendo-se a uma velocidade incrível.

“Acho que ele está espiando mocinhas”, o pai de Saeed disse à esposa.

“Comporte-se, Saeed”, disse sua mãe.

“Bom, ele é seu filho.”

“Nunca precisei de um telescópio.”

“Sim, você preferia atuar a curta distância.”

Saeed balançou a cabeça e virou o telescópio para cima.

“Estou vendo Marte”, disse ele. E de fato estava. O segundo planeta mais próximo, com suas feições indistintas, da cor de um crepúsculo depois de uma tempestade de areia.

Saeed apurou o corpo e ergueu seu telefone, dirigindo a câmera para os céus, consultando um aplicativo que indicava os nomes dos corpos celestes que ele não conhecia. O Marte que ele mostrava era mais detalhado também, embora fosse evidentemente um Marte de outro momento, um Marte pretérito, fixado na memória pelo criador do aplicativo.

À distância a família de Saeed ouviu o som de tiros de metralhadora, estalos repetitivos que não eram altos e no entanto chegavam a eles nitidamente. Ficaram ali sentados por mais um tempo. Então a mãe de Saeed propôs que voltassem para dentro.

Quando Saeed e Nadia finalmente tomaram café juntos na lanchonete, o que aconteceu na semana seguinte, logo depois da aula que tinham juntos, Saeed perguntou-lhe sobre aquele manto negro conservador que escondia tudo.

“Se você não reza”, disse ele, baixando a voz, “por que vestir isso?”

Estavam sentados numa mesa para dois junto a uma janela, com vista para o tráfego congestionado na rua abaixo. Seus celulares repousavam entre eles com as telas voltadas para baixo, como as armas de malfeitores durante uma discussão.

Ela sorriu. Bebeu um gole. E falou, com a metade inferior do rosto coberta por sua xícara.

“Para os homens não acharem que podem transar comigo”, disse.

Dois

Quando Nadia era criança, seu assunto favorito era arte, ainda que a arte lhe fosse ensinada apenas uma vez por semana e ela não se considerasse particularmente talentosa como artista. Frequentara uma escola que enfatizava a memorização mecânica, para a qual, por temperamento, ela era particularmente inapta, e por conta disso passava boa parte do tempo rabiscando desenhos nas margens de seus livros e cadernos, debruçada sobre eles para esconder arabescos e universos silvestres em miniatura dos olhos dos professores. Se a flagrassem, receberia uma repreensão, ou de vez em quando uma palmada na nuca.

A arte, na casa da infância de Nadia, consistia de versos religiosos e fotos de lugares sagrados, emolduradas e penduradas nas paredes. A mãe e a irmã de Nadia eram mulheres pacatas e seu pai era um homem que tentava ser pacato, julgando isso uma virtude, mas que mesmo assim entrava em ebulição com facilidade e frequência no que dizia respeito a Nadia. O constante questionamento e a crescente irreverência dela em questões de fé o aborreciam e assustavam. Não havia violência física